

WebConcib: Boa noite para quem já está entrando... Boa noite, estamos dando início a mais uma conferência de Ciência da Informação e Biblioteconomia... A professora entrou...

WebConcib: Hoje nossa conferência vai ser com a professora Isa Maria Freire.

Prof.^a Isa Maria Freire: Olá.

WebConcib: Oi, professora. Boa noite.

Prof.^a Isa Maria Freire: Olá, boa noite.

WebConcib: Vou só dar uns avisos e fazer uma apresentação rápida aqui e a gente parte pro seu tempo.

Prof.^a Isa Maria Freire: Fique à vontade.

WebConcib: Hoje a nossa conferência vai ser com a Professora Isa Maria Freire. Ela é Doutora Em Ciência da Informação e Professora no Departamento de Ciência da Informação e no programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, a UFPB. É coordenadora da rede de projetos do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTI, editora científica das revistas Informação & Sociedade: Estudos e Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, e editora chefe do *blog* De olho na CI.

E hoje o nosso tema vai ser Pesquisa aplicada na Ciência da Informação. E só pediram para eu dar um recado antes de que os vídeos estão lá no *Youtube*, vocês já sabem disso... alguns. E vocês podem continuar sugerindo à página. Então professora, é com você. Eu vou desativar as perguntas agora pra gente ouvir a professora e no final a gente retoma os comentários para vocês poderem perguntar ao vivo. É com você, professora.

Prof.^a Isa Maria Freire: Ok, obrigada. Boa noite a todos. Eu estou um pouco nervosa, sabe. Porque é a minha primeira vez (risos). Ao vivo e em cores, assim, no sinal aberto, né. Porque eu participo sempre de bancas pelo *Skype*, e estou trabalhando com meus alunos nessa quarentena pelo *Zoom*, mas assim, para tanta gente, é a primeira vez. Mas vamos lá.

¹ Entrevista transmitida pelo Instagram (@webconcib) em 02/05/2020 - 18h00. Organizada pela Webconferência de Ciência da Informação e Biblioteconomia (WebConCib). Transcrição e notas: Aysha Adab (graduanda em Arquivologia na UFPB). Vídeo disponível no YouTube: <https://photos.app.goo.gl/86zhnAUags3hxVtc6>.

² Universidade Federal da Paraíba-PB. Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7603-1872>

Eu chamei esse papo de Pesquisa Aplicada na Ciência da Informação. Então é um papo-cabeça sobre metodologia da pesquisa na Ciência da Informação. É o meu xodó, eu gosto disso... de desenhar o quadro, de encontrar os caminhos, fazer o mapa, uma coisa que me agrada muito. Então, eu faço pesquisa aplicada e também faço pesquisa teórica, não deixo de fazer. Mas vou conversar com vocês sobre pesquisa aplicada e convidá-los a conhecer minha pesquisa no portal do Laboratório de Tecnologias Intelectuais. Se você colocar no Google “LTi” provavelmente vai ser, senão a primeira, a quarta opção. E considerando que a gente não paga nada, então a gente está bem situado lá no Google.

E quero agradecer o convite, especialmente por essa oportunidade de fazer alguma coisa pela primeira vez. Quero agradecer essa oportunidade e também quero parabenizar o grupo por ter criado esse canal. Eu venho acompanhando, venho participando do WebConcib. Uma ideia muito legal. E tenho acompanhado, nessa quarentena que a nossa área está fazendo, muitas *lives*. Todo mundo está o tempo todo conversando, discutindo e isso é muito legal. É isso que traz o *progressio* (risos), como diz o personagem cômico.

E então, sobre pesquisa, eu tenho umas ideias, umas metáforas de que eu me aproprio e gosto muito de usar. Por exemplo, uma do Rubem Alves, educador, filósofo da educação: “O cientista é um caçador do invisível”³. Ele caça o invisível na realidade visível. Olha que coisa interessante! Então, o que Rubem Alves diz na sentença “O cientista é um caçador do invisível”, ele continua: “O que estou dizendo coloca os cientistas muito próximos aos religiosos e aos místicos”. E isso me agrada mais ainda. Aos religiosos e aos místicos... Acho que a Ciência pode ser um tipo de religião. Carl Sagan fazia isso. Aquele livro⁴ dele, sobre a ciência como uma luz na escuridão, é muito interessante. E o Sagan diz isso também, que essa vivência do caçador é uma herança ancestral, um caçador que procura as pistas dos animais, fazendo aquela questão: Quem passou por aqui? Há quanto tempo? Que direção seguiu? Acompanhar as manadas, acompanhar os animais no seu ciclo de vida. Então tudo isso trouxe a nossa espécie ao que estamos vivendo aqui hoje. Ao vivo, na *web*. Começou lá, lá atrás. 100 mil anos, não sei. 500 mil anos, 1 milhão de anos, mas começou lá atrás. Foi uma vantagem para nós.

Aprender a caçar, aprender a seguir as pistas e aprender a contar uma história. É aí que tem a ligação entre o caçador e a ciência. O caçador vai atrás das pistas. Ele faz aquelas questões, e depois volta pra contar o que viu, compartilhar as pistas que encontrou. A gente faz isso na ciência. A gente propõe uma pesquisa, faz a questão da pesquisa, desenvolve a pesquisa e depois volta prá contar os resultados. Chama-se comunicação científica. O Pierre Lévy⁵ diz que os cientistas provavelmente foram a primeira comunidade de inteligência coletiva. E atualmente, Para Lévy, as grandes comunidades de inteligência coletiva são o mercado financeiro e os cientistas. Eu concordo com ele, porque a gente acompanha aqui, em no Brasil, a bolsa de valores de Hong Kong, por exemplo. Eles estão lá, do outro lado do mundo, mas falam a mesma

³ Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras, 1981.

⁴ Um mundo infestado de demónios – A ciência como uma luz na escuridão, 1995

⁵ Filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação. Estuda o impacto da Internet na sociedade, as humanidades digitais e o virtual. Leciona no Departamento de Hiperfídia da Universidade de Paris-VIII.

linguagem do pessoal do mercado financeiro brasileiro. E nós também, nós cientistas falamos a mesma linguagem.

E o conhecimento? O que é o conhecimento? Para Maturana e Varela, que criaram a teoria da *autopoiesis*, o conhecimento é um instrumento, o amor é que é o fundamento. Então, o amor à pesquisa é que nos traz para qualquer área da Ciência. E quando eu falo da ciência, não falo só da pesquisa, do pesquisador. Eu estou falando também da formação universitária. É uma ciência aplicada. Na ciência aplicada há uma área dedicada a desenvolver talentos numa determinada profissão. Assim, nós temos dois tipos de pesquisa. A rigor, a pesquisa é uma só, mas vamos dizer que, do ponto de vista epistemológico, nós podemos entender que temos dois tipos de pesquisa: a pesquisa básica, que são os conhecimentos novos, para o avanço da ciência – para a gente ter uma ideia, uma teoria⁶, por exemplo, de Einstein só veio a ser provada agora, nos últimos 10 anos e ele desenvolveu em 1915, há mais de 100 anos. Era uma teoria, mas ainda não tinha uma comprovação –, e a pesquisa aplicada, que gera conhecimento para uma aplicação prática. É o que eu me dedico a fazer no Laboratório de Tecnologias Intelectuais.

Eu já orientei algumas pesquisas nesse sentido, por exemplo, a pesquisa de mestrado da Professora Giovanna Guedes⁷ – ela é professora na Universidade Federal do Ceará –, uma pesquisa belíssima na comunidade Santa Clara, nossa vizinha no Campus Universitário da Universidade Federal da Paraíba. Ela construiu com a comunidade um *blog*, o *blog* da comunidade Santa Clara⁸. Isso é uma pesquisa aplicada. Para desenvolver esse *blog* com a comunidade ela teve que ler bastante, teve que propor um modelo, teve que procurar uma tecnologia que fosse uma tecnologia simples para as pessoas aprenderem e usarem depois, porque ela fez a pesquisa e deixou para a comunidade a herança. Também aqui na Paraíba com o Hellosman⁹ desenvolvemos um *blog*, na pesquisa de mestrado dele¹⁰, para pessoas com deficiência, reunindo várias fontes de informação relevantes para pessoas com deficiência. Na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, desenvolvi com a Ana Sara¹¹ uma pesquisa de mestrado sobre fontes de informação para deficientes visuais e profissionais da informação que trabalham nessa área. Vocês não podem imaginar a quantidade de “Facebook” para deficientes visuais. É uma coisa muito linda, sabe. Agora, recentemente, eu desenvolvi, com o Raimundo Nonato¹² que é o nosso editor do *blog* De olho na CI, a tese de doutorado dele sobre políticas de informação para a população LGBT, mas ele não somente analisou essas políticas de informação, ele reuniu as fontes de informação que

⁶ Teoria da Relatividade Geral. 1915.

⁷ Maria Giovanna Guedes Farias. Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), com período sanduíche na Università della Calabria (Unical) na Itália.

⁸ Blog: <https://comunidadesantaclaraprototipo.wordpress.com/>

⁹ Hellosman de Oliveira Silva. Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

¹⁰ Construção de sítio virtual para democratização da informação para pessoas com deficiência no Estado da Paraíba. 2014. Dissertação disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/3957/1/arquivototal.pdf>

¹¹ Ana Sara Pereira de Melo. Especialista em Gestão de Bibliotecas Públicas, Mestra em Ciência da Informação pela UFBA.

¹² Raimundo Nonato Ribeiro dos Santos. Doutor em Ciência da Informação pela UFPB.

agora estão disponíveis no *LTi*. Tem uma página com as fontes de informação na Web e tem outra com fontes de informação bibliográficas.

Então, no trabalho eu sou uma caçadora e treino meus alunos na pós-graduação e na graduação para serem caçadores do invisível numa realidade visível. Eu vou dar um exemplo bem simples pra vocês. Nós estamos com 60 pessoas aqui na nossa conferência. Essas pessoas estão aqui e a gente até pode saber quais são ou quem são, mas é invisível para nós de onde são, onde estão. Essa é uma parte invisível. Então para a gente tornar visível essas variáveis, poderia fazer uma pesquisa pra saber quantas pessoas da região sul, quantas pessoas da região sudeste. Então, de repente, aquilo que neste momento é invisível para nós se tornaria visível. Essa é a metáfora do Rubem Alves. Eu costumo usar em sala de aula: somos 30 pessoas aqui nessa sala de aula, todo mundo se vê, mas o que está invisível, por exemplo, é a faixa etária. Se a gente preencher um questionário vai tornar visível a faixa etária das pessoas presentes.

Então, a pesquisa aplicada, ela precisa criar um produto, um processo, alguma coisa que tenha alguma utilidade. Em algum momento do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, em algum momento dessa trajetória, isso tudo foi só teoria. Lá atrás, na década de 1970 virou uma *ARPANET*¹³, em 1995 virou uma *Web Word Wide* e no começo do século XXI uma *Web 2.0*, que é essa tecnologia que a gente está usando neste momento. Os *blogs*, os *instagrams* da vida. Assim, em algum momento nós temos uma teoria e a partir dessa teoria nós podemos ter um desenvolvimento aplicado. E por que eu me dedico a pesquisa aplicada? Por que eu e meu grupo de pesquisadores docentes e discentes criamos e mantemos o *LTi*, que é uma experiência inédita? Por causa da responsabilidade social da Ciência da Informação. Essa foi a minha tese. A minha tese é uma tese teórica. A partir de um modelo, que é o modelo da consciência possível de Goldmann¹⁴, um sociólogo, um teórico marxista, maravilhoso, que eu venho acompanhando desde a minha graduação, trabalhei com ele no meu mestrado, no meu doutorado. Na tese eu consegui uma coisa que Goldmann disse que não é fácil, mas eu recebi o presente de identificar na área da Ciência da Informação um evento de consciência possível.

Uma afirmação que foi feita antes, na realidade, foi feita 25 anos antes daquela possibilidade que eu reconheci na tese. Em 1975, Wersig e Neveling¹⁵ disseram que a transmissão do conhecimento para aquele que dele necessita na sociedade é uma responsabilidade social da ciência da informação. Mas naquele tempo a gente não sabia como fazer. Os grandes sistemas eram sistemas bibliográficos, bases de dados. De repente, com a Web, chegou essa oportunidade da responsabilidade social. Em 2000 ela estava lá. Há 25 anos esse artigo era citado pelo menos uma vez em algum lugar do mundo, mas ninguém nunca reconheceu essa proposição. Hoje o artigo é citado porque representa um modelo de Ciência da Informação. Então, eu consegui ser agraciada com essa sorte. Pesquisa também é sorte. Eu procurei essa sorte lendo e relendo textos, procurando e procurando... E eu passei quatro anos procurando na literatura um evento de consciência possível que o tempo todo estava ali na minha frente! Porque eu conheci esse texto quando eu cheguei para o mestrado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

¹³ Advanced Research Projects Agency Network.

¹⁴ Lucien Goldmann, filósofo e sociólogo francês de origem judaico-romena.

¹⁵ The phenomena of interest to Information Science. *Information Scientist*, v. 9, n. 4, p. 127-140, Dec. 1975.

Tecnologia, em 1982. Conheci esse texto na disciplina Fundamentos de Ciência da Informação, com a professora Regina Marteleto¹⁶. Eu procurei, procurei e estava ali diante de mim. E isso é muito típico do caçador também. A pista pode estar ali diante de você. Então, como diz Don Juan, na Erva do Diabo, de Carlos Castañeda, você precisa abrir o seu coração, você precisa olhar sem ver. Quando você conseguir olhar sem ver, ou seja, quando você olhar para o seu problema de pesquisa deixando que ele apareça, isso acontecerá naturalmente. Ele aparece, de repente você vê que ele está lá. E antes não estava.

Então foi assim que a gente fez no L*Ti*. Nossa perspectiva teórica no L*Ti* é a do regime de informação. Nessa perspectiva que eu uso, que é a da Professora Nélide González de Gómez¹⁷, informação é definida como ações de informação, as quais remetem aos atores ou sujeitos sociais, aos contextos e às situações em que acontecem. Então, no L*Ti*, a gente trabalha dentro do sistema clássico da Universidade, ensino, pesquisa e extensão. Pesquisa, porque é experimental. Ensino, porque todos os dispositivos e artefatos são feitos por alunos, os professores orientam e coordenam. A gente tem PIBIC Ensino Médio, e disponibilizamos quase 100 vídeos para apoio ao ensino nas diversas disciplinas no Ensino Médio. E temos, também, mais de 80 vídeos de interesse para o ensino na área de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, que foram caçados e identificados por alunos de graduação nessas áreas. E as pesquisas de Mestrado e Doutorado, como essa das fontes de informação LGBT do Raimundo Nonato. E a Extensão, e era ideia minha, desde muito tempo, de fazer extensão online. Em geral, os projetos de extensão da Universidade são presenciais, então resolvi fazer online. Lá no L*Ti*, nas ações formativas, você pode encontrar dois tutoriais. Um tutorial sobre metodologia da pesquisa, tornando-se um caçador¹⁸. Lá, você vai encontrar um manual de pesquisa e uma coisa muito interessante, os verbos mais utilizados no texto científico, as expressões adverbiais, e também um tutorial sobre ética da informação, o curso completo que eu ministrei na graduação.

Então essa é a minha ideia da pesquisa aplicada. E a minha pesquisa teórica é feita ao vivo e em cores numa disciplina, “Tópicos especiais em Ciência da Informação”. Eu faço como seminário e vou aprendendo sobre regime de informação e vou discutindo sobre regime de informação com os meus alunos. E vou aprendendo. Agora, recentemente, a Juliana que fez uma *live* aqui com vocês, fez um seminário de pesquisa aplicando o modelo de regime de informação ao seu projeto de pesquisa no Doutorado, e de repente eu me dei conta de uma percepção que eu já intuía, lidava com isso mas ainda não tinha tomado consciência, sobre as definições de regime de informação. Eu percebi isso porque Juliana foi muito sensível e trouxe para nós, na sua apresentação, no Power Point, uma das definições de regime de informação e que se aplica maravilhosamente à pesquisa dela. Então, quando ela trouxe isso para o seminário, quando ela aplicou, eu vi. Então eu aprendi com ela, foi muito bacana. Então eu aprendo assim, aprendo com os meus alunos, aprendo com os meus pares, com os pesquisadores, mas aprendo também com os meus alunos. E o que eu aprendo eu levo lá para o Laboratório de Tecnologias Intelectuais, que mudou a interface virtual ano passado. Uma interface muito bonita, com a arquitetura pervasiva da informação, e foi resultado de uma pesquisa de mestrado, do Jayro Pita

¹⁶ Regina Maria Marteleto. Dra. em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e Mestra em Sciences de l'Information et de la Communication pela EHESS/França.

¹⁷ Maria Nélide González de Gomez. Doutora em Comunicação pela UFRJ.

¹⁸ <https://lti.pro.br/posts/visualizar/acoes-formativas/tornando-se-um-cacador-tutorial-de-metodologia-da-ciencia>

Brito, orientado pelo professor Marckson Roberto Ferreira de Sousa¹⁹, que é do nosso programa de Pós-Graduação e editor do Portal L*Ti*. Ele que coordena o portal. E assim a gente vai fazendo.

Agora por exemplo o Gregório²⁰ que é o editor da *fanpage* De olho na CI, está para fazer a pesquisa de mestrado e é justamente o plano de gestão de dados do L*Ti*. Serve para o L*Ti*? Serve. Mas também vai servir como modelo para quem quiser fazer um plano de gestão de dados. E assim a gente vai aprendendo. Eu me baseio em Paulo Freire. Desde a minha dissertação que foi sobre extensão rural, que eu trabalho com Paulo Freire. Quem ensina, aprende. Quem aprende, ensina. É assim, uma troca. Pronto? Minha meia hora chegou ao fim.

WebConcib: Ainda tem mais uns cinco minutos.

Prof.^a Isa Maria Freire: Ainda tenho cinco minutos? Mas que coisa boa!

WebConcib: Eu vou abrir os comentários e então quem quiser já ir mandando perguntas, pode, que a gente vai anotando aqui.

Prof.^a Isa Maria Freire: Então, a Ciência é isso. A Ciência é teoria porque a gente pode ter um sonho, não é? Alguns teóricos sonharam, tiveram sonhos. E com esses sonhos eles resolveram problemas na Química, por exemplo. Tem uma história dessa na Ciência de um pesquisador²¹ que sonhou com uma cobra mordendo o próprio rabo e ele encontrou a resposta para uma cadeia química que ele estava estudando. Mas também é uma missão no mundo, é uma aplicação, é o nosso dever. Você veja agora nessa pandemia. Não são só os cientistas que estão estudando a vacina, mas nós profissionais da informação já estamos organizando bases de dados. O professor Clóvis Montenegro²², por exemplo, me informou no “zap” que existe agora o Corona Wiki. É uma base de dados no formato Wikipedia só sobre o Covid-19. Também o IBICT desenvolveu uma aplicação só para fontes de informação sobre o coronavírus. E a fundação Oswaldo Cruz tem também uma base de dados e está realizando pesquisa de base, está pesquisando a vacina e está editando – em fase de chamada de artigos – um número especial só sobre o Covid-19. Então podemos fazer muitas coisas. Podemos aprender e compartilhar. Esses são dois verbos que na Ciência são fundamentais, na minha perspectiva. Além do verbo amar. Esse é maravilhoso. Amar o que faz. Amar os que fazem. Isso é fundamental. Pronto, acho que é isso.

WebConcib: Professora, é um prazer muito grande lhe ouvir. O pessoal está aqui falando de como é inspirador lhe ouvir, inclusive os comentários aqui. Tem muitos orientandos seus aqui, eu acho. Alguns estão comentando. É... já tinham chegado três perguntas aqui no *box* de perguntas que a gente abriu e aí eu vou começar a fazer aqui.

WebConcib: A primeira pergunta que mandaram foi assim: Quais as possibilidades de interação entre a graduação e a pós-graduação na pesquisa aplicada?

¹⁹ Doutor em Engenharia Elétrica na área de Processamento da Informação pela UFPB.

²⁰ Gregorio Goldman dos Santos Felipe. Mestrando em Ciência da Informação - PPGCI UFPB.

²¹ Friedrich Kekulé. Estrutura molecular do benzeno. 1865.

²² Clóvis Ricardo Montenegro de Lima. Doutor em Ciência da Informação pela UFRJ.

Prof.^a Isa Maria Freire: Ah, essa é maravilhosa! Porque o CNPq tem um programa interinstitucional de bolsas de iniciação científica, o PIBIC. Então, no PIBIC, nós temos alunos de graduação, por exemplo, o Gutierry Mota²³, ele é meu aluno na extensão e também na pesquisa, e é o editor da *fanpage* “Na trilha do Futuro”. E ele, que é aluno de Biblioteconomia, pesquisa na Revista Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, que tem mais de três mil registros de artigos científicos, e publica diariamente uma indicação de leitura. E essas indicações de leitura são bem recebidas, uma delas recebeu 1.870 visualizações. É muita coisa pra nossa área, né? Uma *fanpage* simples. Não é uma coisa, assim, maravilhosa, mas é um trabalho duro. Ele faz isso todo dia. Então, o que ele está aprendendo? Está aprendendo que pesquisa é isso, é todo dia.

Os alunos da graduação trabalham com os alunos da pós-graduação e nós, professores da graduação e da pós-graduação, estamos juntos. Para você ter uma ideia, nós temos, lá no LTI, mais de duas dezenas de tutoriais: por exemplo, como escrever um artigo científico, como abrir uma conta no LinkedIn. Isso é feito em sala de aula, na graduação, com a orientação do professor Wagner Junqueira de Araújo²⁴. O professor Wagner é professor de Tecnologia da Informação e a prova final dos alunos é produzir um tutorial. Um tutorial de tecnologia da informação. E os melhores vão para o LTI. Então tem uma integração, realmente. O LTI promove isso. Agora, o melhor disso tudo é que é uma coisa, assim, muito espontânea, sabe? Eles fazem junto com a gente e a gente faz junto com eles, mas não tem uma hierarquia, é todo mundo junto. É junto e misturado. É muito legal. Não sei se eu respondi, mas é assim que a gente faz.

WebConcib: Eu acho que sim, professora. Tem uma pergunta que já tinha chegado que completa outra parecida que chegou aqui agora e aí eu vou juntar as duas.

WebConcib: Como a pesquisa aplicada pode ajudar a trazer soluções para a pandemia? Como a CI e, particularmente, o LTI, podem contribuir para este momento pós-humano que vivemos?

Prof.^a Isa Maria Freire: É... É um momento pós-humano. É transcendental. Sabe? A mãe terra não aguenta mais esse tipo de exploração. Não podemos mais ter esse tipo de ideia de que todo ano a economia tem que crescer tanto. Não. Eu acho que a gente vai ter que mudar a perspectiva. Não seria mais o crescimento econômico. Não pode ser mais 5%, 10%, 12%, 1%. Eu acho que o crescimento deveria ser, a partir de agora: Quantas pessoas conseguimos tirar da miséria? Para quantas pessoas conseguimos dar uma renda básica? Olha aí o Eduardo Suplicy²⁵, minha gente. Há quanto tempo Eduardo Suplicy fala sobre isso? Sobre essa renda básica? É isso que a gente precisa fazer. Eu acho que a gente precisa mudar essa perspectiva. E quanto mais a gente trazer as pessoas para um espaço onde elas possam consumir, principalmente alimentos, quanto mais, melhor. Não é só uma questão de emprego. Tem a questão da fome. Que a gente não pode esquecer a África, por exemplo. São milhões de pessoas com carências e com doenças endêmicas, na África. Então nós, cientistas da informação, podemos ajudar e muito. Quanto mais

²³ Gutierry Mota de Moraes, graduando em Biblioteconomia na UFPB, bolsista PROBEX (Extensão) no LTI.

²⁴ Doutor em Ciência da Informação pela UNB. Professor Associado no Departamento de Ciência da Informação da UFPB.

²⁵ Eduardo Matarazzo Suplicy. Ex-senador e atual vereador da cidade de São Paulo.

vocês puderem, nas áreas em que vocês se interessam, abram *blogs*. Não é difícil. Ofereçam informação, divulguem as BDTDs²⁶, divulguem os repositórios, acessem as informações. Leiam. A gente não vai conseguir nada se a gente não se informar primeiro. E tenham sempre isso em mente: a nossa responsabilidade é fazer o conhecimento chegar lá na ponta, no pessoal que precisa.

Por exemplo, eu orientei uma dissertação de mestrado de uma artista aqui na UFPB, da TV UFPB, e o trabalho final dela foi um vídeo. Nesse vídeo ela produziu uma história para surdos. Essa história é uma lenda que é cantada: “*Capineiro de meu pai, não me corte os meus cabelos*”. É uma lenda medieval, uma canção que é cantada. Então ela produziu essa canção cantada na linguagem de sinais e também para crianças ouvintes. Por quê? Ela descobriu que as crianças ouvintes não compartilhavam histórias com as crianças surdas. Cada criança uma tem suas histórias, elas não compartilhavam. Então olha o trabalho dela. Ela criou, está lá no *YouTube*. Depois vocês me cobrem o nome da dissertação, mas é um vídeo que está lá no *YouTube* e ela produziu contando a história através da música. A letra em linguagem de sinais, toda a produção de teatro, toda a produção de vídeo. É belíssimo. E ela fez isso para mostrar o quê? Que pode haver troca, pode haver integração, através de um vídeo. Isso vai mudar alguma coisa? Não sei se vai mudar alguma coisa no mundo, mas pode ser que mude alguma coisa na alma de um educador, na alma de um programador. E, de repente, isso possa se constituir num processo mais amplo. Então a gente pode ajudar, sim. Podemos acender uma luz na escuridão, como diz Carl Sagan.

WebConcib: Só complementando, eu li esse trabalho que a professora indicou. O nome da autora é Valeska Picado Schulze e o nome da dissertação é “Quem souber que conte outra: produção de um programa audiovisual para crianças surdas com acessibilidade para ouvintes”.

Prof.^a Isa Maria Freire: Cara, você é demais! Nossa, que cara legal, você, rapaz! É esse aí! Quem quiser que conte outra. É uma questão da história, né. Que a gente conta a história e diz que quem quiser que conte outra e o outro conta outra história. É muito bonita essa dissertação.

WebConcib: Sim.

WebConcib: Professora, uma outra pergunta que já tinha chegado pelo box. Você comentou, mas se puder falar mais um pouco. É: Professora, com essa pandemia e o adiamento dos eventos científicos, quais os canais necessários de comunicação científica para este ano de 2020?

Prof.^a Isa Maria Freire: Olha só. Na Universidade Federal da Bahia, um grupo coordenado pela professora Zeny Duarte, vai fazer um evento chamado MEDINFOR, Informação na Medicina. Vai ser em setembro, online. Grandes eventos estão sendo promovidos pelos jornais O GLOBO e Estado de São Paulo, online. Eu estou dando aula online e estou gostando demais. Meus alunos também estão gostando. A gente está usando o *Zoom*.

WebConcib: Uma outra pergunta aqui. Você falou da questão da pesquisa.

²⁶ Bibliotecas Digitais Brasileiras de Teses e Dissertações.

WebConcib: Quais livros sobre Metodologia da Pesquisa você indica para alguém que quer começar a elaborar um projeto de pesquisa ou um trabalho de conclusão de curso, dissertação...?

Prof.^a Isa Maria Freire: Para dar uma indicação bibliográfica, assim... Mas eu diria a você o seguinte, põe lá, *LTi*. Quando você entrar no *LTi* você clica em ações formativas. Quando abrir ações formativas vai ter um quadradinho lá, tutoriais. Você clica em tutoriais e vai ter o campo de pesquisa. Aí você põe assim, “tornando-se um caçador”. Lá tem todo um curso de metodologia da pesquisa e tem um livro interessantíssimo que eu achei na Internet e compartilho. A vida é assim comigo, ela me dá presentes. E eu estava fazendo esse curso e ela me deu esse presente. Então você vai ter muita informação sobre metodologia, inclusive um projeto de pesquisa já pré-formatado para você fazer.

WebConcib: Ótima dica, professora. Uma outra pergunta que também tinha chegado, essa chegou pelo *direct*, foi: A partir da sua experiência de pesquisadora, como Paulo Freire dialoga com a Ciência da Informação?

Prof.^a Isa Maria Freire: Dialoga através dos estudos de usuários. Dialoga através do protagonismo, que é um conceito trazido aqui para a Ciência da Informação pela professora Henriette Gomes²⁷, também o professor Oswaldo de Almeida Junior²⁸, eles usam esse conceito de protagonismo, ou seja, você é o sujeito, você pode trazer o mundo para dentro de você e você pode levar o mundo para fora de você e a sua biblioteca junto, para o mundo. Então esses conceitos são fundamentais. O conceito de protagonismo social... se você entrar na *Brapi*, que é uma base de Ciência da Informação, com 20 mil referências bibliográficas, você busca “protagonismo social”, ou põe “Henriette Ferreira Gomes”, e vai recuperar os artigos dela, mas não vai encontrar muita coisa porque é uma abordagem nova. Mas você vai encontrar pelo menos 30 referências e vai se apaixonar pelo trabalho a partir do conceito. O conceito é “protagonismo social” e a partir do conceito você aplica a um problema no campo da informação, e você vai amar trabalhar com ele. A professora Henriette também esteve aqui, nesta plataforma, e ela falou sobre isso. Ela foi na nossa universidade (UFPB) também, falou sobre isso, foi um sucesso.

WebConcib: Sim. A sétima pergunta é: Professora, qual a mensagem você passa para os pesquisadores e para os defensores da ciência que estão sendo constantemente atacados por esse governo?

Prof.^a Isa Maria Freire: O governo passa, passa. Eu já tenho sete décadas de vida. O governo passa. A gente fica, ok? Nunca se esqueçam disso. A gente fica, tá? Então vai passar. Lembram? *Vai passar nessa avenida...*²⁹ (cantando). Vai passar, mas a gente fica.

²⁷ Henriette Ferreira Gomes. Professora Titular do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da UFBA.

²⁸ Oswaldo Francisco de Almeida Junior. Professor associado da Universidade Estadual de Londrina. Professor titular, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília).

²⁹ Chico Buarque: *Vai passar*. 1984.

WebConcib: Sim. Tem uma outra pergunta aqui. Qual o papel da Ciência da Informação no combate às fake news em tempo de coronavírus?

Prof.^a Isa Maria Freire: O nosso papel é trazer a informação, organizar a informação. Olha, agora mesmo eu li aqui que tem também um congresso sobre coronavírus que está acontecendo na Universidade Federal da Bahia, e tem inscrições abertas. Então, criar espaços para a informação circular! Isso é fundamental. Eu mesma nesses dias já andei pensando... A gente vai ter que fazer alguma coisa, vou conversar com os meus amigos. Não, a gente não precisa fazer tudo no L*Ti*, mas a gente pode colocar, por exemplo, um link para essa base de dados do IBICT. No L*Ti* a gente não faz tudo, mas a gente dá espaço para o que está sendo feito. Por exemplo, nós temos o link para o *blog* de fontes de informação³⁰ da professora Célia Dias, da Universidade de Minas Gerais. Ela faz esse *blog* com os alunos. O link para o *blog* dela está lá no L*Ti*. Então o L*Ti* também é um portal para esse tipo de compartilhamento. Coisas que os outros fazem e que são importantes para a nossa área.

WebConcib: Sim. Pediram... mandaram assim: Você poderia falar mais sobre esse projeto de gestão de dados do L*Ti*?

Prof.^a Isa Maria Freire: É um projeto muito novo. A gente está aprendendo. É o Gregório Goldman Felipe quem está fazendo este projeto. Eu estou lendo o projeto de qualificação dele. Então só posso dar uma dica. A dica é o *Google Analytics*. O Qualis de periódicos da CAPES agora está usando o *Google Analytics*, então o *Google Analytics* é uma fonte de dados muito interessante para a gestão da informação, se a sua informação está na Web, como é o caso do L*Ti*, e como é o caso dos periódicos científicos. Mas é uma coisa nova. Por exemplo, na Universidade Federal da Paraíba, nós já publicamos dois livros sobre Gestão de dados, organizados pelo professor Guilherme Ataíde Dias³¹ e pela professora Bernardina Freire de Oliveira³², e esses livros estão disponíveis, no site da editora da UFPB. Então acessa isso, mas é uma coisa bem nova. Eu posso dizer a vocês que o Gregório encontrou 57 referências na Brapci sobre gestão de dados. Então, visitem a Brapci e coloquem “gestão de dados” no campo de busca e vocês vão conseguir. São 57. O que quer dizer que é um tema novo. São 55 autores e 57 referências. Olha a quantidade de autores. Muitos autores escrevendo, mas apenas 2 autores escreveram duas vezes. Então você vê que a área é nova.

WebConcib: Mandaram: Professora, pode falar mais sobre a responsabilidade social da Ciência da Informação?

Prof.^a Isa Maria Freire: Ah, essa aí é o meu xodó. A responsabilidade social da Ciência da Informação. Trazer à tona, trazer para a Web, trazer para as escolas, trazer para a vida da gente o máximo possível de fontes de informação. Organizar fontes de informação. Isso não é difícil.

³⁰ Blog: <http://fontesgerais.blogspot.com/>

³¹ Doutor em Ciência da Informação pela USP e Pós-Doutor pela UNESP. Atualmente é professor associado na UFPB, lotado no Departamento de Ciência da Informação.

³² Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. Doutora em Letras e Mestra em Ciência da Informação pela UFPB. Atual Vice-Reitora da UFPB.

Vou dizer para vocês, olha só, nós fazemos seminários na disciplina Ética da Informação. Pois bem, no semestre passado, um grupo de alunos, em um dos seminários dos alunos, criaram um *blog*! É Bibliotecologia³³, o *blog*. Veja só, eles foram além da proposta. A proposta era fazer um seminário, eles foram além e fizeram um *blog*. E hoje em dia esse *blog* está aí divulgando informação de forma interessantíssima. Até o nome é interessante. Surgiu numa sala de aula em uma disciplina, Ética da informação, que você não imaginaria fosse dar ensejo à criação de um *blog* reunindo Biblioteconomia e Tecnologia, mas foi o que surgiu. Então a nossa responsabilidade é essa, sabe? Levar a informação para o mundo.

WebConcib: Sim. Mandaram: Professora, você fala muito das questões tecnológicas, mas como atingir as pessoas fora das redes?

Prof.^a Isa Maria Freire: Como atingir as pessoas fora das redes... Em sala de aula, por exemplo. Em salas de aula. As minhas aulas são – eu sou uma atriz – as minhas aulas são um *show*. Eu nunca vi um aluno consultando o celular numa aula minha. Se ele olhar para o celular ele pode perder alguma expressão que eu estou fazendo ao vivo e em cores, naquela hora. Eu posso sair imitando alguém da televisão, alguma pessoa, algum político ou algum evento. Eu acho que a gente tem que fazer da aula da gente um *show*. A gente tem que fazer da palestra da gente um *show*. A gente tem que levar a mensagem para o máximo possível de pessoas e isso inclui tornar-se uma pessoa assim, comunicativa. E vou dizer uma coisa a vocês, não é difícil. E é muito prazeroso. Eu gosto muito.

WebConcib: O pessoal perguntou também: Professora, a partir da sua experiência como pesquisadora, qual das suas pesquisas foi a mais difícil de desenvolver e a que se deve essa dificuldade?

Prof.^a Isa Maria Freire: Foi justamente a do meu doutorado. Eu pensei que eu não ia terminar, juro por Deus. Porque o próprio Goldmann diz que é muito difícil identificar um evento de consciência possível. E por que que eu fui entrar nessa, pelo amor de Deus? Você já pensou? Eu não podia fazer uma coisa mais simples? Mas eu enveredei por isso aí porque era um xodó. Era uma coisa que eu tinha desde a minha graduação, uma relação com esse Goldmann. Eu amo esse cara. Então eu procurei, vocês não podem imaginar o quanto eu procurei, e o tempo todo estava diante de mim. Eu já disse aqui antes. Pode estar diante da gente. Então a gente tem que olhar sem ver. Isso é a Erva do Diabo, você olha sem ver. Então o Don Juan fala pro Castañeda assim: Você olha para uma árvore, mas você não olha para as folhas, olha para os espaços entre as folhas. A gente olha para as folhas, então a gente pode não ver, por exemplo, os pássaros. Os pássaros não ficam nas folhas, eles ficam entre as folhas.

WebConcib: É muito inspirador, professora, ouvir a senhora. Aí falaram aqui se você pode dar dicas para novos pesquisadores. A gente só tem mais seis minutos. Chegou até uma pergunta ali agora e eu vou até ler junto e aí você já junta tudo que a gente consegue.

³³ Blog: <https://grupobibliotecologia.blogspot.com/>

WebConcib: Professora, pode falar mais sobre informação e inclusão e informação e cidadania? Qual o papel da CI? E aí já dá a dica para os novos pesquisadores que também tinham pedido.

Prof.^a Isa Maria Freire: Olhem só. Vejam o que a professora Giovanna fez lá na comunidade Santa Clara. O *blog* da comunidade. Então a experiência... a líder da comunidade me contou. Até hoje a gente mantém uma relação com a comunidade. Ela me contou que ela foi na Prefeitura procurar ajuda para a comunidade, dia das mães, ou qualquer outra efeméride, e é claro que tentaram empurrar com a barriga. Mas ela fez uns cartõezinhos, sabe, do *blog* da comunidade. Aí ela disse para a pessoa que estava atendendo, “olha, a senhora pode conhecer a nossa comunidade, nós temos um *blog* e a gente informa sobre o que a gente faz nesse *blog*. A gente vai informar que a gente veio aqui”. Meu bem, as portas se abriram para ela (risos). Uma coisa tão simples para nós, mas para ela foi um instrumento político. Um espaço de cidadania. Então, é isso que a gente pode fazer. Abrir espaços na Web para as pessoas transitarem por eles. Janelas, *Windows*.

WebConcib: Professora, infelizmente o nosso tempo está chegando ao fim, porque hoje nós finalmente conseguimos ficar em uma hora. Foi uma inspiração muito grande, o pessoal da comissão está aqui falando também. Acho que está todo mundo falando. Você recebeu beijos até de gente da Espanha, de Santa Catarina, de Brasília. Enfim, eu não vou conseguir ver todo mundo, mas tem gente aqui de vários lugares diferentes. O pessoal está perguntando da próxima *live*, então eu já vou começar os recados antes das palavras finais da professora, gente tem três minutinhos.

Prof.^a Isa Maria Freire: Ok. Meus amigos, vocês me fizeram muito feliz me trazendo aqui nessa *live*, tá? Por que eu pensava assim, meu Deus, será que eu dou conta? Será que eu dou conta de fazer uma coisa dessa? Não é? E o convite de vocês me estimulou, me instigou, me animou e estamos terminando! Eu consegui! Ah, estou tão feliz! Muito feliz. Porque ao vivo, presencial, eu me sinto estimulada, eu olho para as pessoas, eu toco nas pessoas. Quem já assistiu palestra minha, sabe. Eu ando por todo o auditório, mas aqui... Você é inspirador, viu, meu rapaz? Gostei demais de você. Nossa, você é muito legal. Então eu quero agradecer pela oportunidade de aprender. Quero agradecer os beijos! Aí, gente! Eu me senti tão beijada!. Hoje eu vou dormir muito bem, viu? Os coraçõezinhos da minha amiga Aurora, lá da Espanha, aqueceram o meu coração! Coração com as mãos, como é que se faz? Será que eu sei fazer? É assim? Não sei fazer... (risos). Obrigada, obrigada, obrigada!

WebConcib: Professora, desculpe eu te interromper. É que o Instagram já botou o aviso aqui de tempo. A gente tem 30 segundos antes da *live* cair, gente.

Prof.^a Isa Maria Freire: Então eu amo vocês! Eu amo o que eu faço e eu amo vocês. Tchau!

WebConcib: Boa noite pra todo mundo.

Prof.^a Isa Maria Freire: Valeu, pessoal! Boa noite para todo mundo!

Agradecimentos

À pesquisadora-aprendiz Aysha Adad, pela primorosa transcrição, pela pesquisa das notas, pelo empenho, pelo amor ao que faz. Valeu!

À equipe do WebConCib, pelo convite, organização e coordenação do trabalho. O projeto foi criado por Wallace Santana, Victor Rosa, Francisco Dias e Débora Reis. Vocês são D+!